

COISAS DA VIDA

Não fossem esses e é certo  
Que um Eden seria a vida,  
Tranquillamente vivida  
Tal como num céu aberto.

Seja velhote ou rapaz,  
Seja mulher, homem seja,  
Terá tudo o que deseja,  
Menos um instante de paz.

Uma hora esperar nos faz  
Quando não nos atordôa;  
Para uma noticia boa  
Dá nove noticias más;

Eis em summa, meus senhores,  
O charivari - sabath  
Que nas cidades nos dá  
Nervosismos, mãos humores;  
Que nos põe olheiras roxas  
E os nervos no triste estado  
De um violão desafinado  
De cordas bambas e frouxas.

Desde o Snr. Presidente  
Ao modesto funcionario,  
O deputado, o intendente  
Ou o mais humilde operario;

Os que em misteres diversos  
São da vida os cavadores,  
Eu que componho estes versos,  
Vós que os lêdes, meus senhores;

Os que, amando, se commovem,  
Com tudo que o amor lhes faz,  
O jovem que adora a jovem,  
A jovem que ama o rapaz;

Aquella que o lar governa,  
Trazendo a vida nos trilhos,  
Com os creados ralha e se inferna  
Com a travessura dos filhos.

A mestra de quem se exige  
Paciencia, modos serenos,  
Se o mal dos nervos a afflige,  
Pobresinhos dos pequenos!

A dactylographa diz  
Que o seu trabalho é um tormento,  
E escreve chapéo com x  
E em põe nunca põe o accento.

A pianista de respeito  
Que sabe Chopin de cór,  
Nervosa, não dá direito  
A escala de dó maior!

A que pinta, nada pinta  
Se os nervos pintam com ella;  
Põe, no mar, vermelha a tinta,  
Põe no céu tinta amarella.

A caixeira se atrapalha  
A freguesia a servir;  
Mostra lenço em vez de toalha,  
Vende seda por zephir.

A que em publico declama,  
Se de nervos soffre o achaque,  
Mistura o "Y-Juca-Pirama"  
E o "In Extremis" de Bilac.

A manicura que empunha  
Lima, alicate... ou torquez,  
Si está nervosa, em vez de unha,  
Corta os dedos do freguez.

Do telephone a mocinha,  
Desse mal sentindo o effeito,  
Não regula e diz que a linha,  
Coitada!, é que tem defeito!

A moça que tem namoro,  
Se padece de "nervite",  
Tem chiliques, cae no choro  
E perde o somno e o appetite.

Se é casada, num tormento  
A sua vida se resume,  
Não a deixa um só momento  
O vil demonio do ciume!

Em tudo motivo encontra  
Para irritar-se; é um horro!  
Chama o marido: bilontra,  
Pirata, conquistador!

Se em torno vê tudo alegre,  
É razão porque se queixe,  
E, gordinha ou "fausse-maigre",  
Muda-se de ossos num feixe.

Nervos! nervos que vibraes  
No organismo dos mortaes  
Em continua actividade,  
Sois dinamica energia,  
Força vital que irradia  
Em poder, acção, vontade.

Dirigis os movimentos  
Dos actos, dos pensamentos,  
Dos sonhos que a gente tem;  
Da vida é todo o problema  
Ter o nervoso systema  
Perfeito, marchando bem.

Trama electrica dos nervos,  
Feliz do que pode ter-vos  
Em completa afinação;  
Vae tudo ás mil maravilhas,  
Fios, dynamos e pilhas  
Toda a inteira installação.

E a vida, então, é um presente  
Dos deuses. A rir, contente,  
Goza-se o bem de viver!  
Se uma dôr nos entra n'alma  
Os nervos nos dão a calma  
Para a extinguir ou esquecer.

Mas, oh céos! se, por desgraça  
Ha qualquer coisa que faça  
Os nervos sahir do prumo,  
De tramontana perdida  
Vogamos no mar da vida  
Tal como um barco sem rumo.

Tudo é negro á nossa frente  
Tudo nos faz descontente,  
O prazer muda-se em dôr;  
E entre nervosas descargas,  
Vivemos horas amargas  
De abatimento ou furor.